

Afro-Latino-América e o sentimento diaspórico: um grito poético-prosaico

Dagoberto José Fonseca
Departamento de Antropologia, Política e Filosofia
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara/UNESP.
E-mail: dagobertojose@gmail.com

Resumo: A América Latina tem construído ao longo de sua história sociocultural um conjunto vasto de perspectivas sobre o seu próprio imaginário e é pela via da literatura com a sua vertente afro-latino-americana que tem anunciado e denunciado com todas as formas de linguagem, inclusive carregada de “palavrões” que ela se expressa, enquanto indignação dos problemas sociais históricos e estruturais que se encontra desde a raiz do processo de conquista colonial perpetrado por espanhóis e portugueses. Neste contexto, a dimensão de denúncia, mas também de xingamentos e vergonha vem desta expressão chula e popular que é o palavrão, enquanto expressão também de uma condição social que o afro-latino-americano e diaspórico vive nesta parte do mundo. Assim, vem com força esta expressão popular, ativista e militante daqueles que se propõe a desconstruir conceitos, histórias, verdades oficiais que não atendem o clamor de justiça, igualdade e respeito presente naqueles que cansados da retórica do passado se lançam frenética e avidamente para manejarem bem ou mal as palavras cultas e com anseios desta descolonização do pensamento livre, mas também mediados por palavras chulas [“palavrões”] que esclarecem muito do sentimento que invade texto, prosa e poesia de negros latinos e ladinos. A liberdade de expressão deste contingente populacional é espelhada pela produção independente e que se exprime também pelo sentimento e pelo sentido que agentes sociais isolados e coletivos dão para a sua produção poética, científica e pela prosa militante.

Palavras-chave: América Latina, sentimento diaspórico, palavrões, poeta-escritor negro.

Afro-Latino-América e o sentimento diaspórico: um grito poético-prosaico

Este artigo visa trazer um conjunto de reflexões e denúncias que fiz ao longo de minha trajetória poética e militante nas décadas de 1980 e 1990, especialmente nos versos poéticos presentes em “Lírios Cálidos” (1987) e “Melanina” (1988). Este último livro produzido em co-autoria com Teresinha Malachias. Nestes versos procurei também anunciar aspectos novos e perspectivas distintas das interpretações e análises oficiais e hegemônicas cunhadas na América Latina e, em particular no Brasil, especialmente considerando este início de terceiro milênio da era cristã. Com esta perspectiva e com base em um grito poético e prosaico que nos informa sobre a pluralidade de visões a respeito dos desdobramentos e resultados acerca do processo de conquista colonial que a América Latina tem sido submetida ao longo dos séculos XVI a XXI. Nestes mais de quinhentos anos de história social e cultural se atinge de maneira incontestável as populações nativas e, principalmente a população de descendência africana que nesta parte do mundo atlântico foi extremamente violentada de todos os modos e de maneira mais vil.

A América Latina tem construído ao longo de sua história sociocultural um conjunto vasto de perspectivas sobre o seu próprio imaginário e é pela via da literatura com a sua vertente afro-latino-americana que anunciamos e denunciemos poeticamente e com certa dose de indignação, portanto com palavras carregadas de violência também, inclusive com “palavrões” os problemas sociais, históricos e estruturais que se encontram desde o momento que o ventre das terras ao sul do Equador foi invadido por espanhóis e portugueses nas duas margens do Atlântico. Com isto é que invocamos a partir do Brasil, o país que sequestrou o maior contingente de africanos do continente americano e possivelmente do mundo, em todos os tempos, o nosso grito que chega aos ouvidos de negros presentes na Colômbia, no Peru, no Equador, na Venezuela, na Martinica, em Trinidad-Tobago, na Jamaica, no Haiti, na República Dominicana, na Costa Rica, em Porto Rico, em Barbados, no Suriname etc. Assim, a discriminação é secular e de maneira similar dizemos desde o Brasil:

Discriminação secular

A cor do negro
é a cor
da noite.

O sangue do negro
é a dor exangue
do açoite.

Mas o caso
que falo em letras
são os ocasos
das vidas pretas
que de dia e de noite
eram ou são marcas
por chibatas, por ferros em brasa
nas casas de açoite.
A África perdeu seus filhos e filhas
e a morte os abraçou por milhas e milhas.
A raiz dum povo sendo dissolvida;
o martírio bem o define Castro
de vaga em vaga a carne perdendo a vida
e ela amarrada pendida num mastro
navega rumo a este continente
que negou-lhe a condição de ser gente.
A chegada dos negros africanos nos portos.
A chegada dos negros africanos quase mortos
este é o sinal das diabruras
este é o portal
este é o mal
este é flagelo
este é o elo
que liga meu sangue
minha alma
a mortal escravatura.

E agora
quando vejo o meu irmão
vejo as chagas
das vagas
que aflora
a carne
que outrora
chicotearam-lhe o coração.
Meu irmão se alevante
como o sol no levante
na alvorada do dia.
Eu sei que é difícil
vencer esta enfadonha alforria.

Eu sei o que passar num pequeno orifício,

mas se você sonha,
mas se você deseja,
então; lute, labute,
abraça e beija
a sua vida
como quem achou a amante perdida
e se for preciso
morra por ela,
morra sim, com Zumbi na lapela,
pois meu irmão
só se chega a liberdade,
só se chega a verdade
quem tem na vida
um Narciso
que tem no próximo
amor, fé e juízo.
Meu irmão
lute e até morra
contra o ser
contra o câncer
da escravidão,
seja um cavaleiro andante,
seja um cavalheiro amante
da libertação
que é o tesouro
que o homem caça,
que é o ouro
da nossa raça
que reluz
na mais alta
constelação.¹

A África perdeu seus filhos e filhas, a noite e o mar revoltos os abraçou por milhas e milhas dali. Esta história já sabemos, pois ela conta a violência que foi o avanço euro-ocidental sobre diversas populações no mundo. Os vários povos africanos foram dissolvidos, pulverizados por séculos. Eles enriqueceram porões de navios, coroas e igrejas. Todos piratearam carne humana. Diante disto somente podemos afirmar em tom poético, mas com caráter de denúncia.

Maculados

¹ Fonseca, Dagoberto José. Lírios cálidos. São Paulo: Editora Massao Ohno, 1987, s/p.

As águas
do Atlântico
foram tingidas
com meu sangue
POR SÉCULOS²

Diante disto, somente podemos vociferar em alto e bom tom. Não me venham com Tarzans. Não me venham com Jins das Selvas. Não me venham!

A carne da Mãe-África foi arrancada com a draga bestial da Europa. O sangue da África tingiu, lavou o Atlântico de vermelho; banhou, construiu o Novo Mundo. A África foi a pedra angular da América, sendo braços, pés, pernas, enfim o corpo da Europa, parafraseando a célebre afirmação de Antonil (1982).³

Túmulos Móveis

O tumbeiro que me traz
corta o mar.
Na nau do algoz
arde a carne
e o sol cozinha – feridas
e lembranças
que sangram
no singlar do mar.
O Tumbeiro que me traz
corta o mar
sob a chibata d'um de nós.
Corta o mar
corta o mar
o tumbeiro que me traz.⁴

O corpo do negro deu luz ao branco capital, formou potências, formou o Novo e o Velho Mundo, assim conhecido. Assim, não me venham com bagatelas, com migalhas e dó. Por favor, não me venham!

O negro combateu no Paraguai sem nome, no campo de luta morreu sem nome, sem

² Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p

³ Antonil, André João. Cultura e opulência do Brasil. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982 (Coleção Reconquista do Brasil).

⁴ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p

Humanidade. O objeto sem alma caiu, quebrou, partiu e nem mesmo mereceu ser abraçado pela Mãe-Terra, tornou-se carne do chacal faminto.

Não me venham com Cabral, com Caxias, com Tamandaré. Não me venham com estes caras de histórias oficialódes; cuspo nestas caras, nestes nomes, nos monumentos da história do Estado. Destruição destes mitos escolares. A vaca débil de Bragança serve para reviver a estátua de Cabral, somente ela, a vaca débil de Bragança tem as tetas dum asno português.

Estou agora cuspendo neste papel, literalmente cuspendo na cara do leitor; este que cospe, cospe os valores morais, éticos, religiosos do feitor “mulato”, do dominador branco; é um negro sedento de liberdade que grita no papel. Falaram-me para falar do escritor-poeta com relação à abolição negra que já dura 125 longos anos, então vou falar com o falo mórbido de dor. Dor por falar na mentira, na alforria coletiva que foi a abolição. Uma festa monárquica e abolicionista que deu os louros da vitória demagógica a nefasta república.

Alforriaram o negro, lhe deram um pé na bunda, quando não mais precisavam dele para levar os país nas costas. Enxugaram seu sangue, sua lágrima, sua dor, seu trabalho dando-lhe a rua da amargura as cegas. Às cegas vi meu sangue banhando as ruas poeirentas, não vi pão, vi cachaça ao meu lado. Novos braços vieram substituí-lo, não foram os índios, foram os brancos europeus, seres superiores habitaram a senzala, enquanto eu que fiz esta porra dormia na rua, na sarjeta, na favela.

Acalanto

Guia suja
cuja
dureza vestiu-me
de dor.⁵

Por favor, não me venham chorar o meu canto, cantar o meu pranto. Por favor, não me venham. Caralho, respeitem a minha dor!

O negro chora, canta sua dor, lamenta o exílio, a escuridão, a morte em terra estranha. A diáspora negra perdura retratando a prisão de almas negras inocentes neste cativo branco, frio, europeu.

⁵ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

Canga

A barriga da perna
da minha gente
tem feridas e varizes
de tantos males
lusos ...
A gente veste-se
da noite
em Serra Barriga
para despir-se
do açoite
que ainda
irriga nosso
sangue cheio
de dias
opacos ...⁶

O Brasil ao precisar de ordem para progredir capitalisticamente expulsa o negro de suas fronteiras econômicas. Diziam os brancos que o elemento negro não estava preparando para enfrentar um ritmo ordenado de trabalho, pois nós somos “desorganizados e, principalmente vagabundos”. Ora quem quer esta organização; quem são os vagabundos senão a Europa, esta prostituta que vendeu a carne de nossos ancestrais.

Não me venham com Joaquina Nabuco. Por favor, não me venham com esta afronta. Morte a cultura, a ciência nacional se ela é Rui Barbosa!

Estes brancos enganam-se, na medida em que se esquecem de que nós construímos a Europa, a América e, além disso, a ordem negra é tão organizada que propôs uma nova sociedade. A sociedade dos quilombos, sociedade autogerida pelos mundanos e santos quilombolas. A Áfricamérica existiu. Ela pôs em cheque a sociedade capitalista exploradora, por isto foi destruída.

Democracia racial real

Negros cativos
Branco mendigos
Índios fodidos

⁶ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scorteccei, 1988, s/p

selaram seu sangue
casaram suas almas
uniram seus corpos
seus corpos esqueléticos
corpos inválidos
mas ávidos
por vida
FUNDARAM E FINDARAM
O QUILOMBO BRASIL⁷

Duas morais estavam em jogo: a moral capitalista que apenas visava obter vantagens sempre; até parece propaganda do Gerson e a moral negra que negava a moral do capital.

O negro ignora a exploração para exortar a natureza, exortando a cultura criada pelas mãos de um Estado Natural, onde o Presidente é o sol, a lua, a água, a terra. O negro é alfa e ômega do Estado que o alimenta, o abençoa, o produz sem explorá-lo Ele é produto da natureza não da matéria capitalista.

Não me venham com papa-hóstias, papa-trigos, não me venham! Papei dores, açoites, algozes. Papei lágrimas de sangue! Não me venham com hipocrisia, não me venham!

Falar que na casa grande e na senzala havia uma promiscuidade insana é real; o sadismo de escravistas nas relações sexuais com suas negras escravizadas, mocinhas negras e mulatas que iam para cama saciar a fúria animal destes escravistas que alguns insistem em chamar de senhores. Não discuto tal fato. Abro a boca aos quatro ventos quando falam que a cordialidade do homem brasileiro está marcada por relações amistosas, simpáticas. Na cama não há homem cordial.

Porra, a cama não é lugar de prazer, de amor entre duas ou mais pessoas, isto é interessante, na medida em que a cama só ameniza a dor e o poder do outro. A cama do escravista era a repressão, o castigo mais vil que se poderia cometer, ou seja, açoitar o íntimo, o indivíduo na alma.

Cacete! A democracia racial, a cordialidade brasileira foi fundada as custas do estupro de nossas avós e bisavós. E agora me pego pensando que o mulato, aquele ...; sendo

⁷ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

bem filho da puta, aquele de olhos esverdeados é fruto do estupro do animal escravista. Isto é abolição que “comemoramos”, não a liberdade. Liberdade é a África.

Imagens

A democracia
chegou nas TVs
antes pretas
e brancas,
agora,
multicores
mas ainda
racistas.⁸

Não me venham com Gilbertos Freyres, Buarques de Holanda. Por favor, não me venham. Se vierem me encher o saco, venham apenas com o Chico, sem a sua política partidária, somente com a sua música política. Esta admiro por ser uma das Raízes do Brasil.

Datilografar

A tecla
Incolor
fria metálica
une-se
com a fita
negra
vermelha
para deixar-se
bater sobre
uma folha branca
deixando assim
as suas marcas
suas angústias
sua identidade
sua liberdade oprimida pelo açoitado.⁹

⁸ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

⁹ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

Mas e por falar em liberdade, onde anda você? Onde anda seus olhos negros, hein negra que a gente não vê? Onde anda seus cabelos carapinhas? Onde anda suas tranças, hein negro, hein negra que a gente não vê? Onde anda este corpo que me deixa louco de tanto prazer? E por falar em saudade, para falar em liberdade, onde anda você? Procuo por uma resposta e não tenho, mas não precisa de resposta, né negro, né negra europeia.

Ao introjetar os valores europeus o negro tem ciência da discriminação etnicorracial de que está sujeito no seu cotidiano branco. O negro enxerga que seu corpo é marcado por esta perseguição, procurando assim abrir mão deste corpo. Desta forma, ele começa a absorver os valores civilizatórios europeus referentes ao uso do corpo, controlando-o, adestrando-o segundo estes valores, sobretudo porque o corpo negro é visto como portador de uma mancha, isto é de um pecado.

O pecado é negro numa alta branca ou esbranquiçada e ao procurar lavar este corpo na máquina de lavar, ele se opõe a uma identidade negra supostamente natural e autêntica para construir uma identidade hipoteticamente branca que foi coagido a desejar.

O amargor que resulta desta luta entre estas identidades traduzir-se-ão em ódio ao corpo negro. O sujeito negro acometido pelo embranquecimento é forçado a negar, a destruir os sinais de seu corpo e da sua gente negra ou mulata. Daí se diz:

Negação

Nego nega nega.
Nego nega nego.
Nego nego nego.
Nego nega espelho.¹⁰

A união a brancos para dar luz a filhos mulatos; alisar os cabelos; colocar pregadores de roupa no nariz para afilá-los, ou seja, o negro tenta metamorfosear o corpo, pois o espírito, a alma da Mãe-África morreu sufocada pela Tirana-Europa. Na execução deste suicídio racial, o negro vincula-se com a dor e a morte, tentando conseguir a liberdade nos moldes brancos.

A liberdade, a identidade, a igualdade na diferença do negro com relação à transição para chegar a ser branco é longa, é trágica. Porra! Não pode haver o banzo físico-mental,

¹⁰ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

somente a luta em campo aberto, abrindo o imenso leque da nossa identidade negra é que pode nos libertar.

O banzo físico-mental é o deixar-se sucumbir abraçado à resistência concreta da morte física. É o estagnar da mente num espírito que não busca saudade, mas procura tatear uma forma de vida nem que seja abstrata.

O banzo físico-mental não pode ter lugar, não é nem um pouco salutar nesta guerrilha. É necessário dançar, tripudiar e, nesta dança corcoveante pisotear a cultura incolor da Europa. Seus valores, seus dogmas, suas tradições nefastas precisam ser sucumbidas.

Mãos algozes

Telas
Prá que tê-las?
Prá que sê-las?
São celas.
Prá que fá-las?
Prá que Palas?
Falas são talas.
São ex-cravas
as palavras
prá que lavras, escritor?
TVs, queime-as.
Rádios, ir-radicá-los.
Livros, livrai-nos.¹¹

Mas cadê o poeta, o escritor negro nesta dança, nesta luta? É preciso que o escritor-poeta seja o poeta-escritor que tira a mordaca do tempo da escravidão; a mordaca do vento que emana só dor, dor da África.

O escritor-poeta é aquele que escreve a poesia trabalhando diuturnamente nesta obra artística de forma objetiva, concreta, sendo embasado por uma teoria. Enquanto que o poeta-escritor é aquele que faz a poesia trabalhando com relações bem definidas com o mundo; não sendo obrigado a expressar a arte poética com a escrita, mas com a subjetividade que o envolve em todas as suas dimensões mundanas. O poeta-escritor, em

¹¹ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scorteccei, 1988, s/p.

suma, é o povo que mesmo analfabeto expressa a poesia, a arte que é o mundo em puro desprendimento de luta libertária e numa linguagem profética, cujo corpo profetiza o novo tempo.

A missão do poeta-escritor é quebrar o lacre das bocas negras e fazê-las entoarem louvores a Mãe-África e tudo que ela exala. A dor do poeta-escritor não é menor do que a dor universal dos povos negros e oprimidos. A dor do poeta-escritor é bem maior. Bem eu sei meu choro. O poeta-escritor tem consciência da realidade, tem a dor morando sobre tuas pálpebras pesadamente.

O poeta-escritor negro tem o dever de relatar a realidade, não de forma paternalista, mas sua missão é mostra-la nua e crua, com fervores de luta, na possibilidade da liberdade. A realidade não está envolta em dor. Chorar não é digno do poeta-escritor negro, pois lutar é sua única sina. A sina de mostrar caminhos com espinhos ou não.

Nestes 125 anos de hipocrisia abolicionista, o poeta-escritor negro tem que ser o motor da história libertária dos negros no Brasil e no mundo. O canto do poeta-escritor tem que entrar na carne, na alma de nossa gente. Tem que fazer parte consciente do sangue de nossa gente. É neste sentido que o canto do poeta-escritor negro tem que ser “o canto de todos para todos”, como disse Jean-Paul Sartre. A poesia negra tem que ser a última noite da Europa. A poesia e a dança são as ferramentas da consciência de nós mesmos. O grito surdo-mudo tem que dar vazão ao grito revolucionário da África Negra, sendo a Boa Nova dos Povos Oprimidos.

O poeta-escritor negro tem que ser revolucionário. Morte da arte pela arte! O parnasiano não existe! A arte tem que ser revolucionária e cabe ao artista negro, poeta-escritor revolucionar, questionar a arte, a cultura burguesa da Europa em sua amplitude.

A luta do negro, seja poeta-escritor, é ser contra a cultura burguesa emprestada da Europa, lutando contra ela é que o negro vai conseguir a princípio a liberdade literária.

Porra! Não me venham perguntar se não vou discutir a abolição. Não me venham, por favor. Não discuto a abolição e os cem anos nefastos, hipócritas; ela já foi conquistada com o sangue de muitos, com demagogia e oportunismo de poucos filhos da puta. Não olho o passado para buscar saudades nas correntes, olho o presente que se firmou no passado e, mais do que isto, tateio o futuro com os olhos da pantera negra.

É na cultura, objetivamente na linguagem que o poeta-escritor negro tem que centrar fogo, ou seja, ele tem que criar uma linguagem marginal-alternativa, na medida em que não siga as mesmas regras da linguagem oficial, inerte, burguesa.

Meu! É uma coisa lógica, como podemos promover uma revolução libertária, onde o negro tire o véu branco por sobre seu corpo e descubra a sua identidade, consiga a liberdade e esteja no mesmo pé de igualdade com o elemento branco senão criarmos armas próprias.

Não podemos revolucionar, porra nenhuma, se utilizarmos o aparelho cultural europeu. O acervo cultural burguês, sua arte, sua linguagem tem que ser destruída, como também as regras de escrita: seus parágrafos, suas separações silábicas, suas vírgulas e pontos. O acervo cultural burguês não pode ocupar nem mesmo os museus para que torne-se fantasma em nossos corpos e mentes.

A arte, “a linguagem é tão antiga quanto a consciência, pois ela é uma consciência real, prática, que existe também para si mesma; e a linguagem nasce, como a consciência da carência, da necessidade de intercâmbio com os outros homens” (Marx & Engels, 1977, p. 67) A consciência negra tem que abandonar no dobrar da esquina história a consciência branca para que ela não volte a nos prostituir.

Assim, a linguagem, a arte são criações e recriações de um desvendar da realidade histórica, pois todas as ideias tem suas épocas e como as ideias, a linguagem tem que passar pelo filtro do tempo histórico, sendo uma concepção de mundo concreta, vinculada com as lutas de classes, com as relações sociais e etnicorraciais mais intrínsecas e, logicamente, a linguagem, a arte são veículos da ideologia social e do Estado.

Neste sentido, reafirmo que a linguagem marginal tem que ser a luz a seguir neste campo estratégico de luta, pois com ela (linguagem marginal) é que o poeta-escritor negro pode fazer “irreverências, satirizar e carnavalizar a tirania” (Ianni, 1983, p.56) burguesa emprestada da Europa.

Ditamole

... fim talvez da ditadura
que na agonia do povo
se veste da veste do poeta.
Prá que serve a Poesia?
Creio que não ao

poder vigente
que paira sobre este dia.¹²

A linguagem marginal tem que ser fruto da fantasia popular, sem ser inocente. Tem que expressar a negação da cultura burguesa. A função do poeta-escritor negro não é só “inverter as máscaras da tirania burguesa” (Ianni, 1983, p. 57), mas também forjar uma poesia, uma escritura antirracista.

O poeta-escritor negro, enfim, o artista negro, o intelectual orgânico deste grupo social e etnicorracial precisam reelaborar um novo pensar, um novo agir e, a partir daí ajudar a gerir o processo de negação da cultura ideológica burguesa europeia que se fundou neste país tornando-se cultura euro-brasileira, esta que invade nossos corpos e mentes de uma forma ditatorial.

A gerência de tal processo de negação da cultura euro-brasileira tem que passar pelo filtro da linguagem popular, pois cabe a ela fazer um intercâmbio entre a língua e as várias relações sociais, bem como com a história vivida e com a produção intelectual dos agentes populares tanto material como espiritual.

A tarefa do poeta-escritor negro, bem como a constelação de artistas e pensadores negros é de “arruinar sistematicamente o saber europeu, e esta demolição em espírito simboliza o grande empunhar de armas futuras pela qual os negros destruirão suas cadeias” (Sartre, 1965, p. 212).

Desta maneira, a grande arma para a destruição do saber e pensar europeu que se fundiu no Brasil, na África e na América toda, é a nossa capacidade de juntos ressuscitarmos ou recriarmos a linguagem, o saber e o pensar da Mãe-África, a partir daí poderemos pensar como ser negro, isto é, tendo uma identidade negra ou, ainda, afro-brasileira, afro-equatoriana, afro-colombiana, etc.

Seção

A pomba
desce tal qual
uma bomba
e no biombo o Espírito Santo

¹² Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scorteccei, 1988, s/p.

dá teu pranto teu grito
teu canto
e as mulheres com seu acalanto
abraçam o pombo dos filhos do Santo ...
Negro.¹³

Tenho preocupação com a linguagem, na medida em que ela é que vai mediar o processo de comunicação e, no caso do poeta-escritor a comunicação será representada pelas palavras e, estas são ideias. Ideias que chegaram, chegam e chegarão aos negros no caminhar da liberdade. Ideias que hoje são euro-brasileiras serão amanhã afro-brasileiras, afro-latino-americanas e caribenhas.

Ao rejeitar a cultura euro-brasileira, o poeta-escritor cai num contrasenso, isto é, utiliza no seu discurso marginal a língua portuguesa. Assim, o poeta-escritor negro “apanha com uma mão o que joga fora com a outra, instalando em si mesmo, como uma tritadora, o aparelho de pensar do inimigo. Isto não seria nada, mas ao mesmo tempo, esta sintaxe e este vocabulário forjados em outros tempos, a milhares de léguas, a fim de satisfazer outras necessidades e designar outros objetos que são impróprios para nos fornecer os meios de falar de nós mesmos, de nossas preocupações, de nossas esperanças” (Sartre, 1965, p. 215) com o futuro.

A incumbência do poeta-escritor negro neste período histórico da “abolição” é semear a desumanização das palavras, buscando angariar a natureza negra delas e, neste ínterim, ir triturando, rompendo os códigos, as regras da linguagem, desportuguesando a língua portuguesa, isto é, descolonizando a língua, retirando, em síntese, a associação, a organização símbolo-ideológica habitual do português ou qualquer outra língua que seja usada como aparato sociocultural para os interesses da conquista de outros.

Raiz

A negruma
d’alma não significa:
alma cheia de pecados,
mas alma cheia de África.¹⁴

¹³ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

Desta forma, o poeta-escritor negro tem que procurar reverter o processo discriminatório, tendo uma proposta diferenciada de luta, de embate político-literário para fazer jus a sua remota e aleijada cidadania, mostrar que “o negro não é cor, mas a destruição desta clareza de empréstimo que cai do sol branco, pois o negro a qual nos referimos se quer a negação, na medida em que se posiciona como puro desnudamento, a fim de concretizar a sua verdade, deve arruinar primeiro as inverdades alheias” (Sartre, 1967, p. 216) O poeta-escritor negro preconizado por Sartre observa com olhos firmes para o horizonte que o vislumbra e o espreita e ao mesmo tempo vê que a liberdade é cor da noite.

Cacete! Taí, caros poetas-escritores negros: “A liberdade é cor da noite”. Basta encararmos com fé a destruição do dia branco; perseverar sobre esta bandeira que atropela a linguagem, o simbólico, a ambivalência maniqueísta da cultura eurobrasileira. Afinal, a situação do negro brasileiro e latino-americano é bastante complexa, na medida em que sofre toda uma carga ideológica enorme do poder dominante.

A decomposição depreciativa do caráter do negro de forma maniqueísta e ideológica é uma questão política, social, econômica, psicológica, antropológica, mas também literária. Literária, pois é na literatura que vamos encontrar todo o registro discriminatório que coloca o negro na condição de ser inumano, bestial, filho das trevas e descendente do “perverso” Cam.

O negro não caga na entrada, caga no meio ou na saída. O negro caga sim os valores morais, religiosos, estéticos da cultura incolor da Europa. Nós temos que cagar sobre ela excrementos estéreis, ácidos para que não volte a brotar e sobreviver sobre a terra de Jacis e Zumbis.

A literatura dominante somente ao final do período escravista traz o negro, mas antes não o constava nos seus escritos. Sua quase total ausência na literatura neste período é atribuída ao fato dele não ser humano e, sim objeto, peça de carga e tração animal. Não se fazia literatura baseada em objetos, mesmo que estes tivessem carne ou atributos humanos.

¹⁴ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scorteccei, 1988, s/p.

Não me venham fazer engolir poetas e escritores que não possuem sensibilidade histórico-cultural. Chega dos sonhos destes poucos sonhadores. A melancolia de Casimiro, o patriotismo de Bilac não serve para nossas crianças. Os bancos escolares estão sem fundo, sem dignidade. Como está o negro Machado, negro como teu pai liberto das correntes? E você Oliveira Viana sua corrente perdurará por séculos, pois vendeu sua alma negra a brancas mãos cheias de ideologia.

Após a abolição dos escravizados e, concomitantemente ao advento da República quando estes (negros submetidos a condição tão vil) ganharam as ruas, as cidades e até uma cidadania de voto é que eles farão parte do cenário literário eurobrasileiro de uma forma, ainda discriminatória, vejam o caso de Monteiro Lobato no Supremo Tribunal Federal (STF), sendo julgado pelo Presidente negro do STF, Joaquim Barbosa, diga-se passagem bem diferente do Rui.

A discriminação é a própria essência ideológica da sociedade brasileira que queria montar seu grande sonho, ou seja, de ser um país branco, “civilizado”. Neste sonho negro não entrava era “bico”, “pesadelo”. Em sonho de branco, negro não existia. Ele era um horrível pesadelo para as instituições eurobrasileiras implantadas no Brasil.

A literatura branca trabalhava com o sentido da construção da identidade alienada do negro. O aparato cultural-ideológico que procura construir um país branco ao perpassar pela literatura vem impor ao negro uma assimilação a cultura eurobrasileira e, por conseguinte, embranquecê-lo.

Torno a repetir que a emergência da linguagem marginal, fruto dos códigos de linguagem da massa popular negra tem que ser transcrita, transpassada, transposta, transportada dentro de uma poesia, de uma escritura antirracista que valorize o negro e, que acima de tudo tenha em seu bojo uma ideologia também marginal.

A linguagem marginal tende a alcançar o estatuto de ideologia marginal-negra. Tem que ser a ideologia de Exu, se este é o ente que desorganiza, que confunde, que põe temor aos dogmas da estrutura capitalista e da cultura eurocentrada no Brasil, na América Latina e Caribe.

A ideologia marginal negra é a negritude. Ela enquanto discurso universal, sendo um projeto de luta, de embate político-social e, principalmente no nosso caso de embate

político-literário. Neste sentido, a “negritude é um projeto de unidade existencial que se funde com a pureza original do negro” (Sartre, 1967, p. 220) das Américas à África.

A negritude como projeto de unidade existencial faz a fusão de todos os negros em um só corpo. A unidade existencial é a essência única, sendo a simbiose da matéria e do espírito que se movimentam dialeticamente de acordo com a história vivida dos negros no Brasil e no mundo.

Negritude

Negreiros são navios
Negreiros são ônibus
Negreiros são homens
Negreiros são mulheres

Negreiros são vários
que se enamoram dos ovários
marginalizados da África.
Negreiros do mundo inteiro uni-vos
com negros com negras¹⁵
formando Macacos¹⁵

formando Palmares nas barrigas de nossas crianças.¹⁶

A negritude é puro amor a princípio. Amor de um coração de cor negra, que sofreu todas as chagas da história, mas por ser amor envolto em ódio, por ser amor tecido pelo fio da história, a negritude torna-se amor-dialético-dialógico, sendo a configuração de um ultrapassar de consciência livre e amorosa. Em suma, a negritude nascida da tensão do passado escravista, se vê frente a frente com um porvir que cederá lugar a novos valores estéticos, literários e culturais.

A negritude não é o fim da luta libertária da negrada, ela é o meio, o início, ou melhor, o seio da luta ideológica e marginal que terá como alicerce básico a identificação do negro com ele mesmo e com os demais.

A negritude como espelho e sinônimo de marginalidade literária-cultural negra tem que ser tematizada por agentes populares e, fundamentalmente, por poetas-escritores

¹⁵ Macacos referência a capital do quilombo de Palmares, ou seja o Mocambo de Macacos na Serra da Barriga.

¹⁶ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

negros, neste período de hipocrisia que marca os 125 anos da abolição da escravidão no Brasil.

Desta forma é primordial que neste período hipócrita, devemos tematizar a marginalidade literária-cultural negra, como sendo o renascer da alma negra e a morte sem cruz da cultura dominante.

Convite

Vamos amar libertariamente
em ruas, em igrejas
até nós anoitecermos.¹⁷

Ao tematizar a marginalidade literária-cultural, bem como criarmos e recriarmos a linguagem marginal é que deixaremos o pensar, o saber europeu e fundaremos um novo pensar, um novo saber e a partir daí um novo agir. O agir afro-latino-americano soltará as amarras do navio negreiro e até mesmo Tio Sam ficará a deriva dentre os oceanos gélidos de Odin.

Negar a ser objeto e ser sujeito transformador da história é o sentido das classes sociais, das etnias, e, logo do negro. Um verdadeiro modo de pensar, de saber, de agir negro é ser revolucionário e não ser reformista.

Tríplice Aliança

Faço amor nas igrejas
para que seu dono
compartilhe
nossos corpos e desejos
reprimidos.

O poeta-escritor negro nesta república reformista não tem que reformar a linguagem, mas de revolucioná-la nutrido do seio vivaz da Mãe-África que nutre nossos anseios e que busca desmascarar o chacal branco e abraçar a pele e o novelo do cordeiro negro.

¹⁷ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

Obreiro

O são
tesão
artesão
ar
arte
artesão
ao tear¹⁸

Rito de Passagem

Mulheres brancas
passaram por mim ...
Mulheres negras
passarão por mim dias e noites inteiras ...
Não passaram ... Não passarão em branco
ficaram ... ficarão presas
em minha alma negra tesa
de amor e de lamento.¹⁹

Por favor, não me venham com perguntas, com questões, pois não saberei responder, apenas peço que reflitam como tematizar a marginalidade literária-cultural, como criarmos e recriarmos a linguagem negra-popular-marginal, cabe a nós juntos pensarmos, poetas-escritores e escritores-poetas, intelectuais e agentes populares como essa questão é fundamental, pois paira sobre as nossas cabeças.

Súplica

E negre sermos ...!
Enegrecermos os caminhos!
Eis nossa função.²⁰

¹⁸ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

¹⁹ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

²⁰ Fonseca, Dagoberto José. In: Melanina. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. Melanina. São Paulo: Editora Scortecci, 1988, s/p.

Referências

Antonil, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982 (Coleção Reconquista do Brasil).

Fonseca, Dagoberto José. In: *Melanina*. Fonseca, Dagoberto José & Malaquias, Teresinha. *Melanina*. São Paulo: Editora Scortecci, 1988.

Fonseca, Dagoberto José. *Lírios cálidos*. São Paulo: Editora Massao Ohno, 1987.

Ianni, O. *Revolução e cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983.

Marx, K. & Engels, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Grijaldo, 1977.

Sartre, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1965.